

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.º	Semest. — 18 n.º	Trim. — 6 n.º	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 939	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> <i>Typ. Ferreira & Oliveira, Lt.ª — Rua d'Alegria, 100</i>
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	690	120	30 DE JANEIRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Cactano Alberto da Silva.
Possesões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Chronica Occidental

Poucas vezes, ao pegar na penna para encher estas duas columnas, desde que a mão do Gervasio a deixou cair na minha para que eu principiasse por escrever-lhe o necrologio, poucas vezes, desde esse dia luctuoso, de tanto lucto houve de falar n'estas duzentas linhas como esse de que se encheram agora os corações de todos.

Foi irreparavel a perda que soffremos, irreparavel, porque ninguém pôde substituir aquelle que foi unico. Não o deram nunca igual os seculos que passaram; podem artistas estrangeiros rivalizar com elle em talento; mas em todo o mundo elle haveria de campear por sua originalidade.

Rafael Bordallo Pinheiro foi um gigante, e na sociedade do seu tempo, por muitos annos, influíu poderosamente, elevando os humildes e castigando a soberba dos grandes com poderosas vergastadas de suas satyras. Justo em seu coração, choraram-o amargamente os amigos; e até aquelles contra quem vibrou seus golpes, nem esses deixaram de lhe prestar homenagem.

Rafael adoeceu ha já bastantes dias. Peorára da bronchite n'uma viagem que fizera ao Porto e trabalhava-lhe mal o coração. Declarou-se á ultima hora a albuminuria, mas ninguém acreditava n'um desenlace proximo e fatal. Horas antes da morte até pareceu melhorar. Em espiritos mais assustados enraizavam-se esperanças. Ninguém acreditava que tanta vida pudesse ter um termo tão breve, tanta graça, tanto espirito que parecia vir d'uma fonte inexaurível. Ninguém em sua alma acreditava que um pedaço tamanho lhe devesse de ser assim tão de repente arrancado.

A dôr foi para todos, para Portugal inteiro, para quantos no Brazil conheceram, estimaram e admiraram o grande artista, para muitos artistas que por toda a Europa, até onde chegou a fama de Bordallo, lhe reconheceram o talento brilhantissimo.

Nunca artista portuguez gosou de maior popularidade; nenhum viu mais celebrado o seu nome. Elle foi o mais glorioso representante d'esse genero de arte, que, sem descer a baixos processos, obtem a ventura de ser de todos comprehendida e estimada. Bordallo foi do seu tempo e conseguiu resolver o problema de solução difficil e rara de saber exprimir de forma simples e rapida o que andava confusamente a querer definir-se no espirito dos outros.

Por isso o applauso o acompanhava sempre, e desde seus primeiros esforços lhe decretaram os triumphos de que foi ultimo, entre lagrimas, seu enterro, o mais concorrido de gente sentida que havemos visto em Lisboa.

Grande e popular foi elle, como raros, a um mesmo tempo, como talvez em nossa vida não hajamos visto outro, a não ser que, procurando-o em differente genero de arte, em meio de nossa tristeza, enviemos uma lembrança sorridente ao querido velhinho Taborda.

Ser grande artista e ao mesmo tempo viver no meio que se encontrou ao chegar ao mundo, eis para o artista o problema que Rafael Bordallo resolveu logo, quando, em suas primeiras caricaturas, no *Calcanhar de Achilles*, se manifestou gloriosamente. Quem esqueceu o Viale, leccionando litteratura grega no Curso Superior de Letras, e tudo a dormir, os alumnos, o retrato de El-rei, o relógio que tinha, em vez de ponteiros, dois olhos fechados?

Que alegria era então a de Bordallo, aquelle lindo rapaz, a quem o Rafael gordo, de cabellos grisalhos, alcachinado, conforme uma de suas mais bellas, ultimas caricaturas, agora pedia lume?

Desenhou-a elle por modestia, depois do banquete cheio de enthusiasmo que lhe foi offerecido no theatro de D. Maria; queria elle significar que se achava na decadencia, que sentia seu espirito a apagar-se, e tinha a graça viva como d'antes e sempre o viamos a crescer na consideração de todos!

Era já grande a influencia do Bordallo n'este nosso meio, pouco, em geral, aconchegador de artistas, quando em Lisboa se realisou a primeira exposição de louça das Caldas, que maior fama lhe havia de trazer. Foi então que El-rei D. Luiz lhe offereceu condecoral-o com a ordem de S. Thiago, honra que Bordallo, por suas idéas, não quiz aceitar.

Era uma nova feição em que seu talento se revelava, extranho talento que havia de produzir as duas famosas jarras: a manuelina, que pertence a El-rei, sr. D. Carlos, e a de Beethoven que ficou em terras do Brazil.

Mas não lhe bastava ainda para sua gloria. As artes decorativas tiveram em Bordallo Pinheiro um cultor, que havia de ser famoso no mundo, pelo que honrou o nome de Portugal nas exposições de Madrid e de Paris.

Por toda a parte onde sua influencia se fez notar foi seu talento aclamado; foi amado sempre onde o conheceram. E' que é difficil fantasiar phisionomia mais sympathica que a de Bordallo Pinheiro, symbolo de vida exuberante, falando, discutindo, contando historias, fazendo imitações. E o seu olhar, quando o coração falava, parecia que envolvia a gente n'uma atmosphera de carinhos.

Aquelle coração de artista! Pudessem falar todos os que lhe deveram algum beneficio, e que delicioso côro se ergueria até os pés de Deus, agora que este o recolheu e o aconchegou no seio!

Festa não houve de caridade a que Rafael negasse seu, mais que todos, poderoso concurso. Não houve principiante a que Rafael achasse um pouco de talento, que este lhe não dedicasse, para animal-o, com uma palavra amavel, dois traços de seu lapis. Obras primas de sua fabrica das Caldas, como as repartia alegre por todos, artistas em noites de festa, amigos em festas de familia. Não foi só nos espiritos que a morte de Rafael Bordallo deixou um vazio; foi tambem em muitos corações.

E' que os ha, e muito grandes, n'aquella familia de artistas, que chora a perda do que era a sua gloria, o chefe, o pae carinhoso, o irmão mais velho, de coração enternecido para se alegrar com todo o bem de que os seus eram dignos, para se affligir com todas as miserias da vida que viessem perturbar-lhes o socego.

Raras vezes, assistimos a enterros que mais se tornassem commoventes pelo sentimento que em todos os rostos podia ler-se e em muitos se revelava com abundantes lagrimas. Chorava-se o prestigioso artista, chorava-se o amigo dedicado.

A beira do tumulo falaram os srs. Jayme Victor, Visconde de S. Boaventura e Dr. Antonio José d'Almeida. Não os pudemos ouvir, mas decerto no muito que disseram, e a que muitas referencias elogiosas foram feitas, muito havia de faltar que lhes ficaria nos corações cheios de saudade.

A arte portugueza vemol-a chorando em seus trajos negros, n'um lucto pesadissimo, eterno poderíamos dizer. Dias antes coubera a sciencia a vez de se vestir de negro. Quasi repentinamente, quando amigos e collegas mal podiam suppôr para tão breve sua morte, fallecia o engenheiro Candido Xavier Cordeiro, uma das maiores glorias da engenharia portugueza, do conselho de obras publicas e minas, engenheiro consultor da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Ainda com o coração maguado pela morte do que foi meu chefe e sempre meu amigo, no enterro do Bordallo, pensava n'aquelle que trez dias antes eu acompanhára á sepultura e na crueldade da morte que assim juntára com tão poucas horas de intervallo dois homens de quem Portugal podia orgulhar-se.

Quando ao Alto de S. João acompanhei o cadaver de Candido Xavier Cordeiro, na tristeza do dia desabrido e humido, enquanto o engenheiro sr. Vasconcellos Porto, junto do tumulo, se despediu de seu antigo companheiro de trabalhos, eu recordava meus ultimos dias ainda de mocidade, em trabalhos do campo, orgulhoso ás vezes dos chefes que uma sorte feliz me havia concedido.

Que altissima intelligencia se perdeu com Xavier Cordeiro e que enorme coração havia de ser o d'elle, que dentro lhe cabia uma infinita bondade! Entronhado sempre em seus trabalhos de engenheiro pratico, enlevado em seus problemas de mathematica pura, aquella alma candida já devia de ha muito conhecer o azul para onde agora subiu. E cil-o em plena luz, elle que tanto gostou da sombra, elle cuja modestia o tornava encantador!

E não acabamos ainda com os necrologios, que nos tiram o espaço que deveríamos dedicar aos horrores que se estão passando na Russia e ainda, dando a esta chronica um bocadinho de alegria, referindo-nos ás homenagens prestadas ao sr. José Luciano de Castro pelo partido progressista, por occasião do quinquagesimo anniversario da entrada do actual presidente do ministerio na vida publica.

Ainda de outro illustre morto havemos de falar, que foi protector das artes, querido de quantos o conheceram e de todos respeitado.

O Dr. Francisco Barahona, um dos mais opulentos proprietarios de Evora, falleceu n'esta cidade ás 8 horas do manhã do dia 24.

Em seu palacio, onde recebem por vezes os reis de Portugal, sr. D. Luiz e sr. D. Carlos, reunira uma grande collecção de obras d'arte portuguezas e, como se não fosse isso ainda bastante para lhe tornar o nome querido entre os artistas, construiu á sua custa o theatro Garcia de Rezende, uma das melhores salas de espectaculos de Portugal, e fez d'elle doação ao municipio de Evora.

Em muitas terras do Alentejo foi sua morte muito sentida, que a generosidade que teve com os artistas, decerto por outras formas se havia de manifestar.

De tantos luctos havíamos de falar n'uma so chronica! O lucto obistou a que pudessemos festejar Lopes de Mendonça, cunhado de Rafael, quando, por sua ultima obra theatral, o seu nome era aclamado no theatro de D. Maria! E' uma das melhores, se não a melhor peça de Lopes de Mendonça, a quem abraçamos, feliz por podermos no mesmo estreito abraço apertar um grande dramaturgo e um grande amigo. Assim estivessemos de accordo, ou antes elle estivesse de accordo, connosco, sobre as idéas discutidas. Assim eu pudesse convencer-o, como elle soube com seu talento commover-me.

João da Camara.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Alma bem portugueza, illuminada pela grande luz da intelligencia, affirmada na sua obra, bem sua, genial, que para a produzir não se aprende nas academias, para que não ha compendios, nem regras, livre, elevada como a aguiá que rossa as azas nas nuvens, assim foi Raphael Bordallo assistindo á passagem da sociedade do seu tempo.

Viu e criticou com superior espirito. A sua satyra foi sempre fina e nem por isso menos pungente.

Os males da patria doeram-lhe apezar de rir e muita vez choraria no intimo, rindo por fóra para fazer rir os mais.

E a rir foi castigando com o seu magico lapis, onde havia sempre originalidade, onde encontrava sempre novos pontos de vista para apreciar as questões e os homens, sem rancor, sem insolencia, sem grosseria, antes sempre com finura e graça superiores, em que os proprios attingidos pela critica tinham de lhe reconhecer o talento, e muita vez ficariam satisfeitos por cahirem do lapis do grande caricaturista para o meio da publicidade, que dá nome, que distingue, que popularisa.

Não se criticam nem se caricaturam os obscuros, os inuteis. O merecer uma caricatura é estar em sorte; o ser caricaturado por um grande artista é uma honra. Assim Bordallo Pinheiro rindo ia castigando e nem por isso os alvejados pelo seu lapis se tornariam seus inimigos.

O juiz que castiga não pôde ser odiado por que cumpre a lei.

A missão do critico é ardua, mas a pena e o lapis tem conquistado mais direitos para a humanidade do que as espadas e os canhoes.

A satyra escripta é mais restrita do que a desenhada; a primeira só a podem apreciar os que sabem lêr, a segunda é para todos, é para a multidão, é a que mais cala no espirito do povo.

D'ahi a grande popularidade de Bordallo Pinheiro. Elle apresentou ao povo os personagens mais importantes do seu paiz, na politica, nas sciencias, nas letras, nas artes, nas industrias, no commercio e até lhe fez vêr o typo bonacheirão, inconsciente e soffredor do *Ze Povinho*, esse typo caracteristico que um dia lhe acudiu ao bico do lapis, como a satyra mais intensa ao povo que não sabe fazer uso dos seus direitos.

Se muitas de suas caricaturas, são apenas exaggeros engraçados da sua alma boa e alegre, uma ou outra vez, tiveram intenção mais definida e conceituosa, seriam destinadas a acordar esta sociedade que dorme e que não quer vêr os erros e males de que enferma.

Em tempos que já lá vão, quando o indifferetismo não invadira ainda a sociedade portugueza, uma só d'essas satyras que Bordallo despedia a flux do seu espirito vivo e mordaz, seria como que um rastilho que iria inflamar as almas, agitar os corações.

Tal era o poder do seu talento.

Com um simples traço do seu lapis elle desenhava toda uma phisionomia, definia um caracter. Nada mais expressivo e synthetico.

E' folhear a sua obra, *O Antonio Maria, Os Pontos nos ii, O Album das Glorias, A Parodia, O Bejouro* (publicado no Rio de Janeiro) e tantas outras producções dessiminadas pela imprensa, e ahí está a sua gloria, a sua originalidade, a corrente inexgotavel do seu espirito.

Não menos original podemos considerar Raphael Bordallo como artista decorador.

Alma bem portugueza, dissemos, e é certo.

Bordallo não foi procurar ás academias, ás ordens architectonicas, ás escolas de ornato os modelos das suas decorações. Quiz e poudo encontrar no seu talento, no meio em que vivia, na terra em que nasceu, nos usos, na flora, na industria e na historia do seu paiz, motivos ornamentaes que até ali ninguem descobrira nem aproveitara.

Original, sempre original.

Lançou mão das coisas mais vulgares e mais caracteristicas portuguezas; as chitas nacionaes mais primitivas, os grandes lenços de ramagens multicolores, alegres e festivos, os cobrejoes, as mantas, as pucarinhas de barro vermelhas, as colheres de pau, os abanos de palha, mil nadas que elle soube dispôr, agrupar em graciosas linhas decorativas, e para todos foi uma revelação, uma surpresa, com taes objectos fazer essas decorações originalissimas e graciosas que nos encantaram por essas salas de espectaculos, em sessões solemnes, nos bazares e festas de caridade, em toda a parte onde chegava a varinha magica do grande artista, onde o seu concurso era reclamado.

Muitos foram testemunha do que Raphael Bordallo fez em Paris, na exposição de 1889. Quando elle chegou trabalhava-se apressadamente na secção portugueza, porque o tempo urgia e pouco havia feito, Bordallo em poucos dias e noites, por que quasi não descansou, fez apparecer a nossa exposição de vinhos, decorada com motivos portuguezes. Teve um exito extraordinario, tornou-se a novidade mais original e mais graciosas do grande certamen, e até as raparigas parisienses vestidas á moda do Minho e do Douro, offerecendo vinho aos visitantes da exposição, ficavam mais formosas e elegantes com aquelles trajes tão caracteristicos.

Raphael em poucos dias consumiu ali o melhor de sua imaginação exuberante, mas triumphou. Tudo era portuguez e até as graciosas filhas da velha Galia transformadas em lavadeiras do Minho, pareciam ter nascido sob este ceu peninsular.

Em Madrid não foi menor o seu triumpho na exposição Colombina. Ali predominou a historia maritima; a ella foi buscar os motivos da sua decoração. Os instrumentos nauticos, o cordeame, as redes, as vellas, de tudo tirou partido, dando caracter bem portuguez á nossa secção, sendo admirada pela originalidade e gosto, por quantos a visitaram.

Assim Bordallo creou uma ornamentação iminentemente nacional, que ficou e ficará como um dos caracteristicos portuguezes.

Uma outra manifestação do seu talento temos a apreciar nos seus trabalhos de ceramica.

A este respeito escrevia Ramalho Ortigão em 1886 quando da primeira exposição de ceramica das Caldas da Rainha.

«Quem ha alguns annos suggeriu pela primeira vez a Bordallo Pinheiro a idea de montar uma fabrica de louça das Caldas fui eu. Digo-o hoje com verdadeiro e legitimo orgulho de critico de arte. Ainda hontem ousava apenas confessal-o a mim mesmo, quasi horrorisado da responsabilidade enorme que assumira perante o destino d'esse illustre artista.»

Taes são as palavras do illustre critico d'arte depois de ter visto os trabalhos de Bordallo, em ceramica.

Lisboa foi um dia surpreendida por uma exposição que se abriu na Avenida da Liberdade n'uns armazens, que são hoje os Salões de Venda do sr. Liborio.

Bordallo Pinheiro apresentava ali ao publico a sua ceramica, e dizemos sua porque não bastante fallar-se de louça das Caldas, a ceramica de Bordallo, só teria d'essa tradição o aproveitamento do barro, mas as formas, as pinturas e cores, os processos do fabrico era tudo seu.

Da antiga louça das Caldas tinham-se perdido os primitivos modelos e era manifesta a sua decadencia até na materia prima, que já não era a mesma de outros tempos, e assim se perdia mais uma industria portugueza que tão caracteristica fora.

Bordallo fêl-a resurgir, mais aperfeçoada, mais nova e até artistica, porque a intervenção do seu talento na pobre industria devia dar-lhe o cunho d'arte que ella não tinha, devia fazel-a sahir da vulgaridade dando-lhe a belleza das formas, a finura do colorido a nota decorativa sua, original.

Foi tudo isto que Lisboa se maravilhou de ver na exposição da Avenida.

A par das formas mais classicas da tradição portugueza, Bordallo creou outras de sua inven-

ção. O humorismo e a satyra não lhe escapou, modelando o seu typo do *Zé Povinho* n'um bello cagirão e fazendo da bocca escancarada d'um agiota usurario, um escarrador.

A fabrica que estabeleceu nas Caldas tornou-se uma escola que mereceu a Bordallo os seus melhores cuidados. Ali modelou elle as figuras das capelinhas do Bussaco, o vaso ornamental que esteve na Exposição de Madrid e hoje pertence a El-Rei D. Carlos. A sua Jarra Beethoven preciosa obra d'arte que o levou ao Brazil e que lá ficou depois de ter sido rifada.

Foi enorme o seu trabalho para um artista só, como enorme foi o seu talento.

Artista bem nacional, por que nacional foi sua obra que todos applaudiram e ao coração de todos falou.

A sua popularidade foi das mais espontaneas e

sinceras, todos lhe queriam porque elle a todos abrigava em seu coração.

No relance d'estas linhas não cabe a historia do artista, que aliaz todos conhecemos porque é dos nossos dias. Para o futuro a sua obra se encarregará de dizer ás gerações, que na segunda metade do seculo XIX e principio d'este em que estamos, viveu um dos maiores artistas que tem nascido em Portugal.

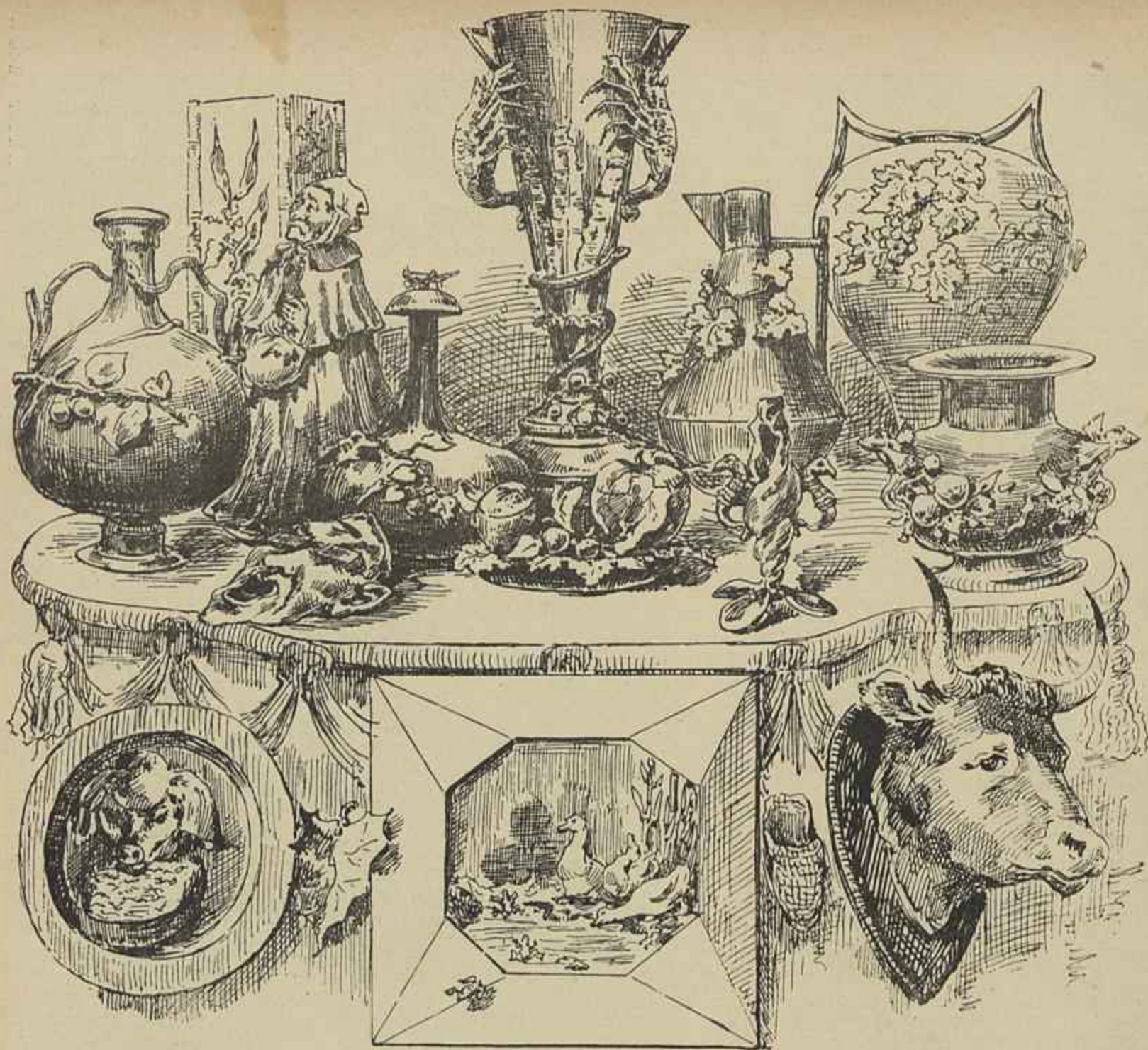
Caetano Alberto.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Raphael Bordallo Pinheiro nasceu em Lisboa a 21 de março de 1846, cursou os preparatorios do Lyceu, passando a empregado da secretaria da camara dos dignos pares, onde não se demorou por não ser a vida burocratica o seu ideal.



VASO ORNAMENTAL DE FAIANÇA, DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO PERTENCENTE A S. M. EL-REI D. CARLOS



CERAMICA DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



FABRICA DE CERAMICA DAS CALDAS DA RAINHA, FUNDADA POR BORDALLO PINHEIRO

Caricaturas por Bordello Pinheiro



O ACTOR ANTONIO PEDRO



O ACTOR TABORDA



MANOEL MARIA BORDALLO PINHEIRO

Retrato desenhado por seu filho Raphael Bordallo Pinheiro em 1880

Dando desde muito novo as mais incontestáveis provas de aptidão para o desenho, revelou-se um caricaturista de merito, figurando em muitas publicações de critica á politica e á sociedade dos nossos dias, e alcançando um nome glorioso nos semanarios humoristicos de que foi fundador como *Antonio Maria*, *Pontos nos II* e a *Parodia*.

Entre as publicações que fundou e dirigiu e em que o seu lapis magico deixou innumeradas revelações do seu genio artistico, contam-se tambem:

A Berlinda em 1870; *O Calcanhar de Achilles* do mesmo anno; *Apontamentos*, 1872; *M. J.* ou historia terrica d'uma empresa lyrica, em duas partes, 1873. *O binoculo*; *Lanterna magica*; *Album de caricaturas*; *Album das glorias* etc.

Esteve por duas vezes no Rio de Janeiro; da primeira vez foi ali fundar um semanario de caricaturas como o *Antonio Maria*, e que recebeu o nome de *Beizouro*; da segunda vez foi promover a venda da sua jarra *Beethoven*, um objecto de arte valioso e um trabalho primoroso em ceramica.

Effectivamente foi o seu genial talento que transformou a industria da ceramica em Portugal; e a fabrica das Caldas da Rainha, de que elle era o director, produziu peças de alto valor artistico que levaram a fama do seu nome aos mercados estrangeiros.

Em 1898 foi chamado Bordallo Pinheiro a dirigir a decoração do pavilhão portuguez no Quai d'Orsay, para a exposição universal de Paris, onde elle com os productos da industria nacional realiso esse prodigio que tanto atrahiu a attenção dos visitantes que de todos os pontos do globo foram á capital da França.

Raphael Bordallo Pinheiro era filho de Manoel Maria Bordallo Pinheiro, artista de coração, embora o não fosse de profissão.

Uma familia privilegiada e distincta por seu talento e aptidões.

Foi na madrugada do dia 23 do corrente, que Raphael Bordallo morreu na casa de sua residencia do Largo da Abegoaria, n.º 29, 2.º andar.

CARICATURAS POR BORDALLO PINHEIRO

As caricaturas que reproduzimos na 5.ª pagina d'este numero, pertencem a uma colleção hoje rara porque a edição foi pequena e logo vendida.

Uma d'essas colleções foi offerecida por Bordallo ao proprietario e director do *Occidente* Caetano Alberto e d'ella extrahimos ao accaso as que publicamos; Antonio Pedro e Tabora.

A colleção tem ainda Rosa Damasceno, Delphina, Rosa (Pae), Santos (Pitorra) e Theodorico.

A punição de Eva

(De A. Conan Doyle)

(Concluido do n.º 338)

Corria o mez de março, e as noites estavam frias. Joanna tinha acendido o fogão, mas o vento empurrava o fumo pela chaminé abaixo, e o ar estava impregnado de um cheiro acre. Johnson sentia-se regelado até aos ossos, antes devido ás suas apprehensões do que á temperatura. Agachou-se deante do fogão, estendendo para o lume as mãos brancas e macilentas. A's dez horas Joanna trouxe-lhe umas comidas frias e poz-lhe um talher para a ceia, mas elle não teve forças de tocá-lhe sequer. Bebeu apenas um copo de cerveja, e ficou um pouco mais animado. A tensão dos nervos parecia ter-lhe reagido sobre os ouvidos, que conseguiam distinguir as cousas mais triviaes que lá em cima se passavam. De uma das vezes, quando a cerveja ainda lhe dava um certo calor, arrojou-se a engatinhar de mansinho pela escada acima, para espereitar o que se ia passando. A porta do quarto estava mal fechada. Pela estreita fenda, conseguiu elle ter um rapido vislumbre da cara barbeada do doutor, com um ar mais cansado e ansioso do que lhe apparecera antes.

Então galgou pela escada abaixo como um doído, correu para a porta da rua, e tentou distrahir-se vigiando o que ia lá por fóra. Estavam as lojas todas fechadas, e vinha da taverna um grupo de pandegos, a berrar pela rua fóra. Deixou-se ficar á porta até que os vadios se sumiram, e depois voltou para o seu pouso ao pé do fogão. Pelo ennevoado cerebro passavam-lhe interrogações que nunca ali tinham surgido.

Onde estava a justiça d'aquillo tudo? Que tinha feito a sua innocente e meiga mulhersinha para soffrer assim? Porque era tão cruel a natureza? Atterravam-no os seus proprios pensamentos, e no entanto espantava-se por nunca lhe terem elles occorrido.

Quando luziu a madrugada, Johnson, angustiado, transido, estava sentado, embrulhado no seu capote, de olhos arregalados para as cinzas, na desesperada expectativa de algum allivio. Tinha a cara livida e viscosa, e os nervos entorpecidos, n'um estado de meia consciencia, á força da longa monotonia da angustia. Mas de repente todos os sentidos se lhe aguçaram para a vida, ao ouvir abrir-se a porta do quarto e os passos do medico nos degraus. Roberto Johnson era compassado e flegmatico na vida usual, mas custou-lhe a suster um grito quando se precipitou para saber se tudo acabára.

Bastou um relance da cara arrepanhada e soturna para perceber não serem agradaveis as novas que traziam o doutor ao rez-do-chão. Durante as ultimas horas, o seu aspecto tinha-se alterado tanto como o de Johnson. Tinha os cabellos em pé, o rosto afogueado, a testa picada de camarinhas de suor.

Havia nos seus olhos, nas linhas da sua boca, uma especie de ferocidade, de ar bellicoso, como cumpria a um homem que estivera horas e horas a disputar ao mais voraz dos inimigos a mais preciosa das prezas. Mas tambem havia alli tristeza, como se o tremendo adversario o estivesse a subjugar. Sentou-se e encostou a cabeça á mão, como uma creatura extenuada.

— Julguei que era dever meu vir procural-o, sr. Johnson, para lhe dizer que o caso está intrincado. Sua mulher não tem o coração muito forte, e apresenta alguns symptomas que não me agradam. O que eu queria dizer-lhe era que, caso lhe aprouvesse consultar mais algum, eu estimaria immenso conferenciar com qualquer outro collega de que o sr. Johnson se lembrasse.

Johnson estava por tal fórma estremunhado com a falta de somno e com as más novas, que lhe custou a comprehender o que o doutor di-

zia. Este, ao vel-o hesitar, julgou que elle estava a pensar na despeza.

— Smith ou Hawley vinham ahi por dois guineus, disse elle. Mas a mim parece-me que o mais seguro é Pritchard, que mora em City Road.

— Sim, sim, venha o mais seguro, exclamou Johnson.

— Pritchard não vem por menos de tres guineus. E' homem pratico e muito considerado, já vê.

— Dou-lhe tudo quanto tenho se a tirar d'este lance. Quer que vá chamal-o?

— Pois sim. Vá a minha casa e peça lá o sacco de baeta verde. O meu assistente que lh'o dê. Diga-lhe que eu preciso do frasco de A. C. E. O coração d'ella e fraco demais para aguentar o chloroformio. Depois procure Pritchard e traga-o consigo.

Para Johnson cahiu do ceu esta necessidade de se mecher e a convicção de que algum prestimo podia ter para a mulher. Correu n'um instante a Bridport Place. Sentia o resoar das suas passadas pelas ruas silenciosas, e via os jactos de luz amarellada que sobre elles lançavam de passagem os vultos negros dos policiaes. Duas fortes campainhadas attrahiram á porta um assistente estremunhado e meio vestido, o qual lhe entregou um frasco de rolha esmerilhada e um sacco de panno contendo qualquer cousa que tinha ao menor solavanco. Johnson enfiou o frasco na algibeira, agarrou no sacco verde, e enterrando o chapeu com firmeza, desatou a correr com quantia tinha até que se achou em City Road e viu o nome de Pritchard gravado a branco sobre fundo vermelho. Galgou triumphantemente os tres degraus que conduziam á porta, e n'este momento ouviu um estalido atraz de si. O frasco precioso jazia em pedaços no meio do chão.

Algurou-se-lhe por um instante que era o corpo da mulher que ali jazia.

Mas a corrida refrescára-lhe o espirito; viu logo que o desastre podia remediar-se. Deu um violento puchão á campainha.

— Que é? que é? perguntou uma voz aspera mesmo á beira d'elle.

Recuou surprehendido e levantou os olhos para as janellas, mas não viu signal de vida. Ia approximar-se outra vez da campainha, quando da parede surdiu um verdadeiro rugido.

— Eu não posso aqui passar toda a noite a tremer o queixo, bradou a voz. Diga quem é e o que quer, senão eu fecho a porta voz.

Foi então que Johnson percebeu a extremidade de um porta-voz que pendia da parede mesmo por cima da campainha. Chegou-a á boca e gritou:

— Preciso que venha comigo a toda a pressa, para ter uma conferencia com o doutor Miles.

— Onde é? guinchou a voz irascivel.

— Em New North Road, Haxton.

— Os honorarios de uma consulta minha são tres guineus, pagos immediatamente.

— Muito bem, clamou Johnson. Tem que trazer um frasco de A. C. E.

— Bem, bem! Espere ahi um instante!

Passados cinco minutos a porta escancarou-se para dar passagem a um homem edoso, de cara rispida e cabello grisalho. Ao mesmo tempo das sombras algures emergiu uma voz que bradou:

— Vê lá se pozeste a gravata, John.

E elle em resposta, rosnou com impaciencia umas palavras, por cima do hombro.

Era um homem endurecido por uma vida de trabalho incessante e, como alias muitos outros medicos, obrigado pelas necessidades de uma familia crescente a antepór ao lado philanthropico o lado mercantil da sua profissão. Contudo por debaixo d'esta crosta aspera, era homem de coração bondoso.

— Nós creio que não vamos ganhar nenhuma corrida de velocidade, disse elle estacando a arquejar, depois, de ter tentado durante cinco minutos medir a andadura pela de Johnson. Se eu podesse, ia mais depressa, meu caro senhor. Não é que eu ache desarrazada a sua anciedade, mas é que realmente não posso aguentar esta marcha forçada.

Não teve pois Johnson remedio, embora ardesse em impaciencia, senão demorar o passo até que chegam a New North Road. Então desatou a correr na vanguarda, afim de ter a porta aberta para o medico. Ouviu os dois doutores que se encontravam á porta do quarto, e percebeu uns farrapos do dialogo.

— Sinto tel-o incommodado a estas horas... caso complicado... gente decente...

Depois as vozes baixaram n'um murmúrio e a porta fechou-se.

Johnson sentou-se outra vez, de ouvido á es-

cuta, compreendendo que estava imminente uma crise. Sentia os dois doutores a andarem pelo quarto, e podia distinguir o passo de Pritchard, um pouco arrastado, do andar firme e seguro do outro. Fez-se silencio durante alguns minutos, e em seguida ergueu-se uma voz requeira e extranha, cantarolando, com um vago ar de embriaguez, uma toada que absolutamente nada se parecia com cousa alguma por elle ouvida até então. Ao mesmo tempo coou-se pela escada e penetrou pelo gabinete um cheiro adocicado e insidioso, porventura imperceptível para nervos que não estivessem tão excitados como os d'elle. A voz foi desfallecendo até chegar a um simples murmúrio, e afinal sumiu-se de todo. Johnson deu um prolongado suspiro de alívio, pois percebia que a droga produzira o seu effeito e que, viesse o que viesse, já não podia haver dores para a doente.

Mas não tardou que o silencio se tornasse ainda mais torturante para elle do que tinham sido os gritos. Agora não havia nada que lhe desse a perceber o que se ia passando, e enxameavam-lhe no espirito horribéis casualidades. Levantou-se e tornou a ir até ao fundo da escada. Sentiu um retinido de metaes, e o susurro comprimido das duas vozes masculinas. Depois ouviu Mrs. Peyton dizer o que quer que fosse, n'um tom de susto ou de lamento, e os doutores tornarem a ciciar entre si. Durante vinte minutos alli se conservou, encostado á parede, á escuta dos intermitentes rumores do dialogo, sem ser capaz de apanhar uma palavra. Até que de repente emergiu do silencio um gritinho debil e extraordinario. Mrs. Peyton soltou um clamor de alegria, e o homem correu para o gabinete e atirou-se para cima do sofá forrado de crina, esperneando de puro transporte.

Mas succede muitas vezes que o Destino, como um gato enorme, tem o capricho de nos largar, só para tornar a ferrar-nos mais ferozmente ainda nas garras aduncas. Emquanto iam passando os minutos, uns após outros, sem que viesse de lá cima nenhum som, a não ser aquelles vagidos fracos e glutinosos, o transporte jubiloso de Johnson foi arrefecendo, e elle quedou-se estirado, contendo a respiração e aguçando a oitiva. Havia lá por cima um movimento cauteloso. Ouvise uma conversação em tom baixo. Continuavam a passar os minutos, e nem uma palavra da voz por que elle suspirava. Sentia os nervos entorpecidos por aquella noite de angustia, e deixava-se ficar sobre o sofá, n'uma expectativa atroz e miseravel. Ainda lá estava, quando os doutores desceram e se dirigiram a elle; lá estava — uma figura enxovalhada e sinistra, com o rosto sujo e o cabelo desalinhado, por via da longa vigília. Levantou-se apenas elles entraram no gabinete, arrimando-se ao fogão.

— Ella está morta? perguntou elle.

— Vae bem, respondeu o doutor.

E a estas palavras, aquelle espirito mesquinho e convencional, que até essa noite ignorara quanto n'elle cabia de tremenda angustia, pela segunda vez aprendeu que tambem havia fonte de jubilo das quaes nunca até então provara. Teve o impulso de cahir de joelhos, mas envergonhou-se deante dos medicos.

— Posso ir lá acima?

— D'aquí a instante.

— O doutor, eu estou... estou... estou... dalbuciu elle. Aqui tem os seus trez guineus, doutor Pritchard. Quem me dera que fossem trezentos!

— E a mim tambem, redarguiu o velhote.

E apertaram-se as mãos, n'uma risada.

Johnson abriu a porta da loja para elles sahiram e ouviu as palavras que elles trocavam, parados durante um instante.

— Houve um momento em que o caso esteve intrincado.

— Ainda bem que recorri ao seu auxilio, collega.

— Ainda bem. Quer vir tomar uma chicara de café comigo?

— Não, obrigado. Estou á espera de outro caso.

Para a direita e para a esquerda se desviaram o andar firme e o andar arrastado. Johnson entrou para dentro, ainda com o mesmo turbilhão de jubilo na cabeça. Parecia-lhe ir encetar um caminho novo na vida. Sentia que se tornara mais forte e mais reflectido. Talvez que o seu soffrimento tivesse portanto um intuito. Talvez que fosse afinal uma benção tanto para elle como para sua mulher. Era um pensamento este que elle não teria sido capaz de conceber doze horas antes. Estava cheio de commoções novas. Se houvera assolação, houvera tambem cultura.

— Posso subir? bradou elle.

E sem esperar pela resposta, gaigou os degraus a trez e trez.

Mrs. Peyton estava de pé, junto de uma banheira, com uma trouxa na mão. De sob as dobras de um chaile escuro, olhava para elle uma careta exquisita e vermelha, de feições enrugadas, labios humidos e entre-abertos, palpebras que trepidavam como as ventas de um coelho. Mal sustida pelo pescocito debil, a cabeça descahira sobre o hombro.

— Dé-lhe um beijo, Roberto! exclamou a avó. Dé um beijo no seu filho!

Mas elle teve um tal ou qual resentimento contra aquella creaturinha arroxçada e titubeante. Ainda lhe custava a perdoar-lhe aquella comprida noite de tormento. Saltou-lhe aos olhos uma physionomia pallida, sobre o travesseiro, e correu para ella com tanto amor e piedade que não encontrava palavras para os expressar.

— Graças a Deus que isto vae passado! Lucia, minha querida, que medonho que foi!

— Mas agora estou tão feliz: Nunca me senti mais feliz na minha vida.

Os olhos d'ella fitavam-se na trouxa escura.

— Não tens licença de falar, disse Mrs. Peyton.

— Então não te vás embora, segredou a doente.

Elle então sentou-se em silencio, com a mão d'ella entre as suas. A luz do candieiro ennevoava-se e da janella rompia o primeiro alvoro da madrugada. A noite fora comprida e tenebrosa, mas por isso mesmo mais amavel e puro raiou o dia. Londres despertava. Começava a levantar-se o susurro da rua. Haviam surgido vidas, vidas se haviam sumido, mas a machina continuava a trabalhar no seu sombrio e tragico destino.

A FAIXA SARAPINTADA

POA

Conan Doyle

(Continuado do n.º 38)

Saltei da cama abaixo, embrulhei-me em chaile, e investi pelo corredor. No acto de abrir a porta, afigurou-se-me ouvir um ténue assobio do teor d'aquelle que minha irmã me descrevera e, d'alli a instantes, distingui um ruído sonoro semelhante ao de um corpo pesado, de metal, que tivesse caído ao chão. Em seguida, abriu-se devagarinho a porta do quarto de minha irmã. Parei, aterrada, sem saber o que iria succeder. A luz do lampeão do corredor, vi apparecer na porta, aberta, minha irmã em pessoa, com o rosto pallido de terror, gesticulando como quem implora soccorro, e titubeando como um homem embriagado. Voei a acudir-lhe, tomei-a nos braços, mas fraquejaram-lhe as pernas e caí desamparada no chão. Estorcia-se como quem soffre horridamente, abalava-lhe o corpo pavorosa convulsão. A principio, supuz que me não houvesse conhecido, mas quando sobre ella me debrucei, bradou-me, em voz que jámais poderei esquecer: Meu Deus! meu Deus! Helena! Foi a faixa! A faixa sarapintada!

E mais alguma coisa quizera acrescentar, o dedo estendido dir-se-ia querer varar a parede do quarto do doutor, veiu, porém, tolher-lho de todo nova convulsão, privando-a do uso da palavra. Arremetti pelo corredor, chamando por meu padrao e encontrei-o de chambre, saindo apressado do quarto. Quando alcançámos minha irmã, jazia esta sem sentidos. O doutor imborcou-lhe conhac por entre os labios, mandou chamar o medico da aldeia, mas foram baldados de todo nossos esforços, a vida foi-lhe fugindo a pouco e pouco, e expirou sem voltar a si. E eis o fim pavoroso da minha querida irmã.

— Ora, diga-me, adduziu Holmes; tem a certeza em como ouviu o assobio e o tal ruído metallico? podê-lo-ia affiançar sob a sua palavra de honra?

— Isso mesmo me perguntou o procurador régio do condado durante o inquerito. Tenho a convicção de o ter ouvido, e comtudo, em meio d'aquelle tempestade e dos gemidos do velho par-dieiro, é possível haver-me equivocado.

— Sua irmã estava vestida?

— Não estava, tinha apenas as roupas de dormir. Foi-lhe encontrado na mão direita o resto de um fosforo queimado, e na mão esquerda a propria caixa.

— O que prova que tentou acendê-lo afim de vêr em torno de si. E' circumstancia importante. E qual foi o resultado do inquerito?

— Foi minuciosamente estudado o negocio, pois era notorio por todo o condado o modo de proceder do doutor Roylett; e não obstante, não conseguiram descobrir causa plausivel de morte. O meu depoimento provou que a porta se achava fechada por dentro, quanto ás janellas, eram resguardadas por uns postigos com trancas de ferro e punham-nas todas as noites. Foram sondadas as paredes com minucioso cuidado, e por toda a parte as encontraram intactas; examinaram tambem uma por uma as tabuas do sobrado; mas tudo isto debalde. E' larga a chaminé, mas travada a certa altura por quatro varões muito grossos. E' certo portanto o achar-se sósinha de todo minha irmã, ao dar-se o acontecimento que lhe causou a morte. E d'ahi, o seu corpo não apresentava o minimo vestigio de violencia.

— E a respeito de veneno?

— Os medicos examinaram-na sob esse ponto de vista, mas sem resultado de especie alguma.

— A que attribue então a morte da tão malfadada menina?

— Persuado-me de que morreu unicamente de medo e de abalo nervoso; mas o que seria que a assustou, eis o que não posso imaginar.

— Andariam, nessa occasião, ciganos, pelo parque?

— Andavam, andam quasi sempre.

— Ah! sim? E que ideia lhe foi suggerida por essa sua allusão á uma faixa, a uma faixa sarapintada?

— A principio cuidei que fosse um qualquer effeito do delirio, e se referisse á cinta de um d'esses ciganos, d'essa malta infestando o parque. Occorreu-me tambem que talvez os lenços de côres, que muitos d'elles trazem na cabeça, lhe houvessem suggerido o extravagante adjectivo por ella empregado.

Holmes meneou a cabeça com os modos de um homem a quem não satisfaz a explicação.

«Parece-me muitissimo misterioso tudo isso, commentou. Queira proseguir em sua narrativa.

— Decorreram já dois annos, e o meu viver, até estes dias mais recentes, tem sido solitario como nunca. E comtudo, haverá coisa de um mês, um mancébo, que me requeseta ha já annos, fez-me a honra de pedir a minha mão. Chama-se Armitage, Percy Armitage, e é filho segundo de Mr. Armitage de Crane Water, nas cercanias de Reading. Meu padrao não fez a minima objecção ao nosso projecto, e tencionamos casar na primavera. Ha dois dias, principiamos os trabalhos de reparação no lanceo occidental do edificio, e furam a parede do meu quarto; tive pois que mudar de quarto, de me transferir para aquelle em que morrera minha irmã e de dormir no leito em que ella dormia.

Imagine pois a que ponto eu estremeceeria horroizada, quando, a noite passada, sem poder conciliar o somno e a pensar na sua triste sorte, de subito, quebrando o silencio da noite, oíço aquelle assobio, apenas perceptivel, que fóra o signal da sua morte. Ergui-me de um pulo, acendi o candieiro, mas no quarto não vi coisa nenhuma. Sobresaltada em demasia para me deitar outra vez, vesti-me, e assim que rompeu o dia, esgueirei-me do quarto para fóra; aluguei um *dogcart* na hospedaria da Corôa, que fica defronte da nossa casa, e vim de batida até Letherhead, onde cheguei esta manhã, com o fim unico de o procurar e de lhe pedir conselho.

— E fez bem, respondeu o meu amigo. Mas disse tudo, absolutamente?

— Tudo que tinha que lhe dizer.

— Não é exacto, miss Roylett; está poupando a seu padrao.

— Eu? Que quer dizer?

Como resposta unica, Holmes, arredando-lhe a renda preta da manga, descobriu a mão que a nossa consulente ia poisar sobre o joelho: cinco estigmas lividos, signaes de cinco dedos, sobressahindo o do pollegar, se achavam impressos no delicado pulso da joven.

«Tratou-a com brutalidade, afirmou Holmes.»

Ruborizou-se intensamente a joven e, escondendo o dorido pulso:

«E' um homem brutal em extremo, proferiu, e talvez que nem elle proprio tenha consciencia da propria força.»

Permeou demorado silencio, durante o qual Holmes, com a barba apoiada nas mãos, não despregava os olhos do lume a crepitar no fogão.

(Continua)

M. Macedo.

